



## **EDUCAÇÃO PARA O TURISMO: PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE REGIONAL E RESPEITO À CULTURA IMATERIAL**

**Cláudia Steffens de Castro\***

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS**

[clau Stef@pucrs.br](mailto:clau Stef@pucrs.br)

**RESUMO:** A educação para o turismo não pode, nos dias de hoje, estar focada tão somente no sentido de qualificação profissional. A memória de um povo é o fator definidor da origem e identidade do indivíduo, conferindo-lhe, além disso, a sua dignidade. Através da memória o homem guarda seus usos e valores, os quais irá transmitir de geração a geração. A troca de experiências e vivências, entre o turista e o autóctone, que interagindo, transmitem seus costumes e valores através das manifestações de cultura popular, configura-se em uma possibilidade de enriquecimento do indivíduo e da sociedade. Revela-se, esse processo, em uma alternativa viável para o desenvolvimento consciente da atividade turística dentro de uma determinada localidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação – Turismo – Cultura Popular

**ABSTRACT:** The education for the tourism should not, nowadays, be focus so only in the direction of professional qualification. The memory of a people is the defining factor of the origin and identity of the individual, conferring to it, moreover, the dignity. Through the memory the man keeps his uses and values, which will go to transmit of generation of generation. The exchange of experiences, between the tourist and the native, that interacting, they transmit their customs and values through the manifestations of popular culture, it is configured in a possibility of enrichment of the individual and the society. Reveal this process, in a viable alternative for the conscientious development of the tourist activity inside of one determined locality.

**KEYWORDS:** Education – Tourism – Popular Culture

O binômio educação e turismo na realidade em que se apresenta o turismo mundial é revelado sob uma nova perspectiva, já que, nunca antes, a questão histórico-cultural foi tão repensada. Citam-se algumas razões para isso: a primeira, e talvez mais determinante, seria o fenômeno da globalização incidindo diretamente sobre as sociedades, trazendo, como consequência, alterações bruscas em curto espaço de tempo, por meio da consolidação dos processos de modernização (televisão e a Internet

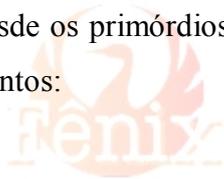
---

\* Bacharel em Direito, Especialista em Comunicação, Gestão e Marketing Turístico, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

invadindo o cotidiano das pessoas) terminando por interferir nas identidades culturais locais. Com isso, criou-se uma expectativa negativa de que as manifestações de cultura popular se exaurissem por completo.

Uma outra razão seria que, a partir do final da década de 80, começa a ser questionada a hegemonia da cultura de massa. Da globalização cultural emergem novas identidades nacionais, regionais e locais agora com novas abordagens. Vê-se atualmente o ressurgimento das culturas populares com algumas de suas características regionais modificadas para atender um novo mercado de consumo de bens simbólicos em um mundo gerido pelos meios de comunicação, de informação e inclusive, do turismo. Na realidade, o que ocorre, são processos de interação dos diferentes campos de comunicação dando novos formatos às identidades culturais. Observa-se uma tratativa de cumplicidade entre tradição e modernidade. Face a este contexto, o homem tem buscado, cada vez mais, o resgate de culturas e tradições muitas vezes perdidas através do tempo.

O homem, enquanto membro consciente de determinada comunidade social, desde os primórdios da civilização preocupa-se com a busca da educação como afirma Santos:



[...] cada homem realiza a sua própria e intransferível experiência vital, mas pelo fato de ser intransferível, necessita ser articulada com a experiência vital de outros homens, para que a vida social seja possível. Não só a experiência individual é intransmissível, como também, caso não o fosse, seria de pouco proveito. Os homens são diferentes e diferentes as situações em que cada um se encontra para se tornar homem.<sup>1</sup>

Assim, a cada civilização registrada pela história, é clara a importância conferida à educação. Por outro lado, observando-se alguns conceitos de autores da área do turismo, destaca-se a inter-relação entre o ato de aprender e o turismo. Conforme conceitua McKean, o turismo seria:

Um desejo humano profundo e amplamente compartilhado de conhecer ‘outros’, com a possibilidade recíproca de que possamos conhecer a nós mesmos [...] uma busca ou uma odisséia para ver e, talvez, compreender, toda a terra habitada.<sup>2</sup>

---

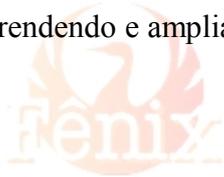
<sup>1</sup> SANTOS, Denfim P. **Fundamentação Existencial da Pedagogia**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974, p. 74.

<sup>2</sup> MCKEAN, Philip Frick. **Toward a Theoretical Analysis of Tourism**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995, p. 126.

Jafari aborda o turismo como um estudo sobre o homem quando afastado de seu habitat costumeiro e da indústria que supre suas necessidades, comentando sobre as conseqüências do impacto que ambos exercem sobre os ambientes. Já em outro conceito mais recente, o turismo

[...] diz respeito, essencialmente, à experiência do lugar. O ‘produto’ do turismo não é o destino do turismo, mas diz respeito à experiência daquele lugar e do que ali ocorre [o que consiste de] uma série de interações internas e externas.<sup>3</sup>

Aqui há que se fazer uma ressalva. O presente trabalho não versará sobre educação profissionalizante ligada à qualidade de profissionais atuantes no **trade** turístico. O sentido de educação a ser discorrido aqui, estará diretamente ligado às vivências turísticas experimentadas como possibilidade de crescimento pessoal e coletivo, através da aquisição e intercâmbio de conhecimentos com o outro. Será visto o modo como o autóctone<sup>4</sup> recebe o turismo em sua comunidade e transmite sua cultura local, e, em ordem inversa, o modo como o turista, ao chegar a seu destino, age e interage, devendo, antes de mais nada, respeitar os costumes e tradições locais, aprendendo e ampliando sua própria cultura.



## MEMÓRIA E IDENTIDADE

Memória consiste na capacidade humana de retenção de acontecimentos, fatos e experiências vividas e na retransmissão deles às novas gerações através de diferentes suportes como a própria voz, a música, a imagem, textos, artesanato, etc. Essa memória é que define a origem e identidade do homem, conferindo-lhe também, dignidade. Trata-se de um mecanismo de apoio, que evita que uma localidade fique estagnada no tempo, auxiliando na preservação de fatores como as primeiras regras de vida associativa ou de técnicas de uso cotidiano e de produção tecnológica, lançando-se no mecanismo cumulativo de saber transmitido intra e inter-gerações.<sup>5</sup>

A memória individual retém todas as vivências e experiências de um indivíduo, contendo, além disso, aspectos de memória do grupo social que o originou e o

<sup>3</sup> RYAN, Chris. Tourism and cultural proximity: examples from New Zealand. **Annals of Tourism Research**, 2002, p. 66.

<sup>4</sup> Classificação adotada conforme Krippendorf, em Sociologia do Turismo (2000).

<sup>5</sup> BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Memória, linguagem e identidade – Memória hoje. **Morpheus** – Revista Eletrônica em Ciências Humanas, ano 02, n. 03, 2003. Disponível em <<http://www.unirio.br/cead/morpheus/>>. Acesso em: 16 abr. 2005.

socializou. Há também o que se denomina de memória coletiva, que consiste naquela gerada pelos fatos e aspectos julgados relevantes, que serão guardados como memória oficial de uma sociedade, em uma forma mais ampla. Ela geralmente se expressa no que se denomina lugares da memória, que seriam os monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma sociedade. A memória coletiva auxilia na construção da identidade local e também da cidadania. Ela permite compreender como um grupo se constitui e como formou sua identidade.

Por outro lado, existem também, as memórias subterrâneas ou marginais que correspondem às versões sobre o passado dos grupos dominados de uma sociedade. Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, obras de arte e só se identificam quando conflitos sociais as evocam ou quando pesquisadores que se utilizam da história oral criam condições para que elas ressurgam e possam então ser registradas, analisadas e passem a fazer parte da memória coletiva. Geralmente encontram-se reservadas no íntimo de famílias ou grupos sociais, e são cuidadosamente transmitidas de geração a geração.

Câmara Cascudo, um dos maiores estudiosos do folclore brasileiro, ressalta a importância da memória, definindo-a como o alicerce para a identidade regional. Afirma que o conjunto de memórias de uma sociedade tem uma função de convocar tanto o passado quanto o futuro. Tem, portanto, um lado de permanência e outro de produtividade à espera de quem com ela entre em contato. Segundo o autor, “[...] a memória é a imaginação no povo, mantida e comunicável pela tradição, movimentando as culturas convergidas para o uso através do tempo. Essas culturas constituem **quase** a civilização nos grupos humanos”.<sup>6</sup>

O ato de aprender significa envolver memória pessoal e coletiva. A memória, tanto de nossa história pessoal quanto da história coletiva, é fonte riquíssima de dados significativos, mobilizando a mente e a alma.

Já a identidade é um processo em constante movimento e é o que faz com que o indivíduo reconheça a si mesmo, a priori, como parte de uma identidade coletiva, reconhecendo aos outros como iguais, estabelecendo uma relação íntima ou essencial

---

<sup>6</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. **Tradição, ciência do povo**. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 9.

entre ele e seu grupo. Portanto, a identidade se constrói dentro de um mecanismo que engloba a consciência de si mesmo e o reconhecimento do outro.<sup>7</sup>

Ao se fazer uso da etimologia, extrai-se o significado do termo identidade – proveniente do latim **identitas** significa aquilo que caracteriza o que é **unum**, ou único e **idem**, o mesmo, uma individualidade que reconhece o outro como igual.

O indivíduo é único, porém o que o faz reconhecer-se pertencente a um povo é a identificação estabelecida por fatores tais como, língua, etnia, usos e costumes, etc, bem como as diferentes maneiras que o homem se define e se redefine como membro de um grupo.

Assim, a identidade de um povo é o resultado da identidade individual e coletiva estabelecidas pelos membros de uma mesma comunidade. Neste sentido, esclarece Ribeiro

[...] chegam a ser uma gente só, que se reconhece como igual em alguma coisa tão substancial que anula suas diferenças e os opõe a todas as outras gentes. Dentro do novo agrupamento, cada membro, como pessoa, permanece inconfundível, mas passa a incluir sua pertença a certa identidade coletiva.<sup>8</sup>

Ao refletir a identidade local, nos sentidos coletivos e individual, a memória local age reforçando a auto-estima. Pollak escreveu

A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e instituições que compõe uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis.<sup>9</sup>

Então, ao se buscar a identidade, fatalmente chegar-se-á a quem realmente se é. A essência cultural é o que une os povos, permitindo que se reconheçam como grupo, como coletividade diante de sua diversidade. A identidade irá se concretizar a partir da consciência de que a riqueza das pluralidades culturais, reveladas através da memória coletiva, está inserida no potencial de superação de marcas particulares do indivíduo.

---

<sup>7</sup> Cf. BETTIO, Valéria Maria da Silva. **Movimento Brasileiro: crítica e nacionalismo no Modernismo**. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

<sup>8</sup> RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 131.

<sup>9</sup> POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, p. 9, 1989.

## EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA DO AUTÓCTONE

A atividade turística lida com o imaginário das pessoas, ou seja, deve cumprir seu papel, satisfazendo às expectativas do turista. Neste sentido, o sentimento do ‘ser bem recebido’, de hospitalidade, deve ser muito bem trabalhado na comunidade, ante a chegada do turismo.

E, daí, há que se pensar em uma educação voltada para a comunidade, realizando-se um trabalho de conscientização do valor agregado que o turismo poderá trazer em seu benefício, conjuntamente com a valorização dos usos e costumes locais.

Segundo a Carta Internacional de Educação e Lazer, elaborada e aprovada no Seminário Internacional da WLRA<sup>10</sup> de Educação para o Lazer, evento realizado em agosto de 1993, em Israel:

A finalidade básica da educação é desenvolver os valores e atitudes das pessoas e provê-las com o conhecimento e aptidões que lhes permitirão sentir-se mais seguras e obter mais prazer e satisfação na vida. Essa perspectiva subentende que a educação, além de ser importante para o trabalho e para a economia, é igualmente importante para o desenvolvimento do indivíduo como um membro plenamente participativo da sociedade e para a melhoria da qualidade de vida.<sup>11</sup>

Nérici, afirma que a sociedade deve manter suas tradições, indo ao encontro de seu destino, utilizando a educação para que se atinja um nível equilibrado de evolução. Deduz que a educação, para se efetivar integralmente, deverá “refletir o passado, atenderàs exigências do presente, caminhar para a realização do futuro e das aspirações coletivas”.<sup>12</sup>

Para Go,<sup>13</sup> a educação abrange a socialização, desde criança, a aprendizagem da cultura e da herança, e as habilidades funcionais para a produção social e econômica, requeridas pelos papéis comunitários. A educação está inserida na expansão da consciência do ambiente humano e sua compreensão, enfatizando assim, o ideal humanístico, que leva ao indivíduo educado e sua integração ao meio em que vive.

<sup>10</sup> World Leisure and Recreation Association

<sup>11</sup> CARTA INTERNACIONAL de educação para o lazer. **WLRA**, Jerusalém, 2002. Disponível em <[http://www.sucar.df.gov.br/paginas/ acessibilidade/ acessibilidade\\_14.htm](http://www.sucar.df.gov.br/paginas/ acessibilidade/ acessibilidade_14.htm)>. Acesso em 04 abr. 2005.

<sup>12</sup> NÉRICI, Imideu G. **Introdução à Dialética Geral**: Dinâmica da Escola. São Paulo: Atlas, 1971, p. 78.

<sup>13</sup> Cf. GO, Frank; MONACHELLO, Mary; BAUM, Tom. **Human Resource Management in the Hospitality Industry**. New York: Hardcover, 1996.

Seguindo essa linha de pensamento, a Organização Mundial de Turismo (1995) considera a verdadeira educação, como formadora do caráter de “um verdadeiro homem” consciente do papel que assume na sociedade, como profissional e cidadão. A Organização posiciona-se a favor do enriquecimento do ser humano, através da constante contribuição legada pela educação e da libertação do homem dentro de um espírito de respeito pela sua identidade e dignidade, da afirmação da originalidade das culturas e respeito pela herança moral das pessoas. Para a OMT, a educação constitui-se em elemento chave, definindo-a como uma variável estratégica no desenvolvimento do turismo.

A questão da educação então, é um dos instrumentos básicos para a transposição de barreiras na área turística no sentido de, primeiramente, expandi-la para toda a comunidade local, através de um planejamento participativo, incentivando assim o esforço comum de todos os que lidam, direta ou indiretamente com o turista. É estabelecido, desta forma, um turismo com base comunitária, visto que a participação da comunidade no processo turístico transcende a sua existência. A comunidade deve atuar como protagonista, ficando sob a responsabilidade dela, a divulgação de suas riquezas culturais, permitindo fornecer à localidade uma singularidade ou identidade local. Assim, a localidade tem a incumbência de repassar seus valores e costumes para os visitantes, gravando na vivência do turista o seu diferencial cultural.

Essa interação entre o autóctone e o turista lida com deslocamentos através de tempo e espaço, atendendo o desejo de que, tanto o morador, quanto o visitante têm de reconhecerem-se e diferenciarem-se no contato com o outro. Por outro lado, há de se exaltar a democratização que esse processo traz, no que tange à transmissão de conhecimentos e no acesso irrestrito a bens culturais aos turistas que buscam papéis, obras, monumentos em que se insere uma dimensão imaterial de idéias, emoções e fantasias vivenciadas.

Expressões regionais, que refletem tão bem a criatividade humana, representam, igualmente, em um recurso para ampliar a participação da comunidade, já que contribuem especialmente na impressão de peculiaridade local, transmitindo valores de sua história à pessoas de diferentes culturas.

## EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA DO TURISTA

Segundo Freire, uma das tarefas prioritárias para a transmissão de uma educação com visão crítica, é propiciar condições para que os indivíduos, em suas relações uns com os outros ensaiem a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, criador e transformador. E, o fato de assumir-se como tal, não significa a exclusão do outro.

Compreende a educação, não como condicionamento social, mas voltada para a liberdade e a autonomia, afirmando que

Todas as palavras de uso possível para expressarmos o propósito da educação: ensino, instrução, criação, disciplina, aquisição de conhecimento, aprendizagem forçada de maneiras ou moralidade – todas elas se reduzem a dois processos complementares que podemos descrever com propriedade como ‘crescimento individual’ e ‘iniciação social’.<sup>14</sup>

Seguindo esta linha de raciocínio, educar-se é fomentar a liberdade pessoal, então subentende-se, também, a criação de uma identidade relacionada ao contexto cultural onde se está inserido. O indivíduo deve primeiramente, formar seus próprios significados para então, poder elaborá-los em termos de significados de apreensão coletiva. Luckesi reforça esse pensamento: “O conhecimento é a compreensão inteligível da realidade, que o sujeito humano adquire através de sua confrontação com esta mesma realidade”.<sup>15</sup>

Interagir em uma viagem, com a localidade, compreende, antes de tudo, na capacidade de distinguir semelhanças e diferenças entre seu próprio cotidiano e a da população local. Vivenciar essas experiências traz conhecimento ao indivíduo, desenvolvendo conjuntamente sua capacidade crítica.

Dispor de uma consciência crítica subentende uma capacidade de escolha, uma capacidade crítica para não apenas submeter-se à imposição de valores e sentidos, mas para selecioná-los e recriá-los segundo a situação existencial do indivíduo.

Fundamental, porém, é o respeito pela cultura e tradições do local. Não se pode deixar de observar que, apesar da geração de recursos e de oportunidades de novos negócios e empregos, o turismo fatalmente traz à localidade riscos de danos profundos à

---

<sup>14</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 36.

<sup>15</sup> LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1993, p. 122.

natureza e identidade, já que alcança lugares inóspitos e longínquos, onde os costumes são passados de gerações a gerações, havendo o risco de alterações permanentes face à chegada de pessoas estranhas com hábitos completamente diferentes aos dos moradores nativos.

Krippendorf elege o turismo de massa como a principal fonte de desvirtuamento da cultural local. Critica veementemente essa forma de turismo moderno, alegando que, enquanto indivíduo, o homem em férias tem o poder de decisão quanto às suas escolhas, sem que ninguém o obrigue a nada. Por outro lado, a somatória de todos os atos individuais leva a comportamentos massificados e similares. Assim, torna-se incompatível que milhões de turistas possam interagir com o autóctone. Além disso, afirma o autor, é gerado desta situação, um sentimento de superioridade do turista para com o autóctone, já que se observam níveis sociais diversos. É a política da segregação em vez da integração.

Esse processo é verificado mais fortemente no que tange ao turismo internacional, quando principalmente turistas europeus e americanos buscam países do terceiro mundo para as férias. Exemplificando, em Cancun, México, milhares de americanos escolhem o local no mês de julho (férias escolares no hemisfério norte) buscando sol e praia. Fica evidente ali, o sentimento de superioridade que se instala em relação ao autóctone. O turista americano deixa claro ao nativo mexicano o seu desprezo à língua, história e cultura e costumes regionais, assumindo uma postura característica de “patrão”, não interagindo de forma alguma com a população local.

Não raramente a população nativa assume a responsabilidade dos serviços oferecidos aos próprios turistas. A liberdade e o prazer de um são o fardo e o trabalho do outro.<sup>16</sup> O ambiente de férias choca-se com o ambiente de trabalho, e a necessidade de repouso com a necessidade de sustento.

A relação entre o turismo e cultura local é muitas vezes, abordada somente na perspectiva econômica. Para o turismo visto como “explorador”, as tradições e o folclore são formas de agregar valor à sua função produtiva. O uso do folclore por esse tipo de turismo abrange a imposição de transformações nas práticas tradicionais, visando a sua espetacularização, para que se torne a manifestação folclórica atraente ao

---

<sup>16</sup> Cf. KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.

consumo massivo, descaracterizando assim a autenticidade da manifestação popular em si.

Segundo Roberto Benjamin,<sup>17</sup> Presidente da Comissão Nacional de Folclore, órgãos governamentais e entidades particulares de comunicação de massa e do turismo apropriam-se de rituais comunitários (alguns dos quais de natureza religiosa) e outros espetáculos dirigidos aos públicos nativos, para convertê-los em *shows*, muitas vezes aproveitando-se da condição de pobreza dos integrantes dos grupos tradicionais. Aparentemente, essas apresentações seriam interessantes para a divulgação e preservação da cultura popular. O que se verifica, porém, é o estabelecimento de dependência das apresentações ao modelo encomendado pelos órgãos promotores, privilegiando os aspectos visuais do espetáculo, em detrimento da diversidade musical e coreográfica da manifestação folclórica. Além disso, em se tratando de rituais e não de *shows*, há uma evidente descaracterização de função, da mítico-religiosa para uma função exclusivamente de espetacularização.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação para o turismo deve primeiramente, integrar a política educacional da sociedade. Para lançar-se ao futuro, entende-se ser necessário preservar a memória da localidade, tornando essa conservação, um processo de permanência. E é através desse processo que se dará o verdadeiro significado de desenvolvimento de uma localidade, tanto no aspecto social, como econômico e político.

Para a OMT (1995), a educação é muito mais do que a transmissão de informações técnicas. Defende ela, que o fator espiritual deve ser mais importante que os aspectos materiais. Destaca-se a educação por constituir um investimento seguro, a longo prazo, e por gerar efeitos externos positivos, além do efeito estritamente econômico. Envolve valores como aprendizagem, preservação e respeito, interpretação, avaliação e conscientização.

A sociedade é parte fundamental para que a atividade turística se estabeleça e se desenvolva de forma responsável. Cabe à população, conjuntamente com o Estado, a transmissão da cultura local, através de relatos orais, do folclore, da música, do

---

<sup>17</sup> BENJAMIN, Roberto. A nova abrangência da Folkcomunicação. **Pensamento Comunicacional Latino Americano** – Revista Científica Digital, v. 1, n. 1, out./nov./dez. 1999. Disponível em <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/>>. Acesso em: 09 abr. 2005.

artesanato e do patrimônio histórico construído através de décadas, onde está gravada a memória local. O ciclo de vida dos indivíduos e as marcas culturais que a ele se impõem, são retratados por rituais de nascimentos, casamentos, enterros; no universo infantil, através dos brinquedos e das brincadeiras regionais, cirandas e cantigas; no trabalho de casa e o da rua, e mesmo nos momentos de lazer e ócio existem representações das vidas que, em cada localidade, são encontradas em constante processo de transformação estimulado pelos meios de comunicação de massa, mas preservadas na memória, na transmissão oral, no resgate das marcas culturais. Na linguagem das danças, cantos, fantasias e comidas típicas, o povo traduz a sociedade em que vive, suas crenças e valores. Nos festejos estão permanentemente gravados maneiras de viver e ver o mundo. Na materialidade dos objetos que os artesãos criam, que expressam sentimentos, visões de mundo e vivências particulares, resultantes de processo criativo individual, ao mesmo tempo em que revelam experiências coletivas praticadas pelos grupos culturais dos quais participam.

As manifestações culturais e artísticas encontram-se arraigadas no coração e na alma do povo, devendo ele, melhor do que ninguém, compartilhar sua identidade com quem busque novas vivências.

A cultura não é mais compreendida como um conjunto de comportamentos concretos, mas sim como significados permanentemente atribuídos. Uma peça de cerâmica traduz muito mais do que o material de que é feita, e a técnica com que é trabalhada. Um festejo é mais do que a sua data, suas danças, seus trajes e suas comidas típicas. Traduzem no veículo de uma visão de mundo, de um conjunto particular e dinâmico de relações humanas e sociais.

Fica evidenciado que raramente as festas folclóricas e a produção cultural popular de uma região consegue espaço de divulgação. Há exceções, mas geralmente, a comunicação de massa trata a cultura popular como curiosidade, como algo exótico. Não se traduz em prioridade, o que reflete uma evidente carência de auto-estima quanto a valores de raiz, considerando que cultura popular é matriz de identidade. Porém, apesar das dificuldades, os jornalistas especializados em cultura regional devem continuar insistindo em abrir espaços para que a região possa mostrar-se através do seu folclore, contribuindo assim para o desenvolvimento do turismo do local.

Acima de tudo, deve-se trabalhar a preservação da identidade regional como um processo dinâmico de valorização das criações e recriação de experiências,

objetivando a narração e transmissão do saber popular, discutindo os meios desta transmissão: memória oral, a experiência e por fim, o exemplo vivenciado. Tal reflexão busca destacar que o preservar das manifestações populares deve estar baseado na proposta de sustentabilidade, onde é crucial estimular ações criando instrumentos de construção de uma consciência coletiva cultural, o que, invariavelmente, só poderá ser alcançado, através da educação, e com isso, estimular cada vez mais a procura por essa localidade, incentivando o turista a interagir de forma benéfica com o autóctone.

